

Pseudonímia no feminino em Camilo Castelo Branco: o caso de D. Rosária dos Cogumelos¹

Maria de Fátima Outeirinho*

Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada

Resumo: Trata-se neste estudo de abordar a construção pseudonímica nas crónicas de Camilo Castelo Branco, procurando não apenas pensar metamorfoses da figura autoral, em torno de José Mendes Enxúndia e sua família, mas também, muito em especial, a construção e papel de uma figura feminina, D. Rosária dos Cogumelos, ela própria assinando cartas publicadas no jornal *O Porto e a Carta* e o elemento composicional relevante para a construção de outros textos folhetinescos assinados no masculino. Esta figura permite igualmente refletir sobre representações do feminino na produção camiliana.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco, crónica, pseudonímia no feminino

Abstract: This study addresses the construction of pseudonyms in the chronicles of Camilo Castelo Branco, seeking not only to consider the metamorphoses of the authorial figure, centred on José Mendes Enxúndia and his family, but also, in particular, the construction and role of a female figure, D. Rosária dos Cogumelos, who herself signed letters published in the newspaper *O Porto e a Carta* and was a relevant compositional element in the construction of other serialised texts signed by a male author. This figure also allows us to reflect on representations of the feminine in Camilo's work.

Keywords: Camilo Castelo Branco, chronicle, female pseudonymy

O meu espírito é constantemente vário.

Observo em mim estupendas metamorfoses.

Camilo Castelo Branco

A partir de meados da década de 40 do século XIX, Camilo publicará com regularidade em diversos periódicos portuenses e, com muita frequência, no espaço reservado ao folhetim, secção literária do jornal na sua definição dicionarística, que dará a fruir, ao público da época, toda uma panóplia textual variegada como o romance, o conto, a novela, a narrativa de viagem ou a crónica – e as possibilidades de polimorfismo textual não se esgotam neste rol –, como ainda se apresenta de modo particular enquanto secção do jornal que congrega um grupo alargado, variado mas constante de leitores, conquistados pela possibilidade lúdica de evasão, ao invés de outras secções do jornal como o artigo de fundo ou a notícia.

Da vastíssima obra de Camilo Castelo Branco disseminada por via periodística, interessa-nos, neste breve estudo, atentar, especificamente, na sua produção cronística e, muito em particular, no que respeita à dinâmica de construção de pseudónimos. Começemos, então, por lembrar alguns aspetos que ajudarão a enquadrar essa dinâmica.

A cativação do público leitor, no periodismo do século XIX, é o grande desafio. Recorde-se o testemunho de Silva Túlho, no periódico *A Época*, sob o pseudónimo de Barão de Alfenim:

Cada assinante tem (termo médio) mulher, duas filhas, três parentes, etc; e todas estas suas amigas, vizinhas e tal. Ora, sendo a maioria das senhoras (portuguesas) pouco dada às políticas, ciências, belas-letas e artes, de que mormente rezam os jornais destes dois géneros [políticos e literários], porém sim muito afeiçoadas à literatura amena e chocalheira, ficariam privadas do legítimo usufruto da assinatura, se não fosse os romances de folhetim, as revistas, crónicas e álbuns, que para suas excelências principalmente se escrevem. E assim é que um jornal sem este atavio, lhes parece tão freirático e capucho como um vestido liso, sem barra, folho ou requife.

Digamos mais. Também os homens sisudos [...] gostam de se desenfadarem e espaiar-se nestes prados artificiais da murmuração jocosa, da crítica bicuda, das facécias picantes, das vidas alheias, das notícias inéditas, das balelas e roletas do dia, enfim, das frivolidades, que é como se deve chamar a tudo isto, com licença dos (Srs.) literatos que julgam passar à posteridade nas páginas de semelhantes ninharias!² (1848: 411)

As representações do leitorado que, no excerto em apreço, encontramos apontam para a feminização aparentemente maioritária do público do folhetim, para uma leitura de género, afinal posta em causa pelo reconhecimento de que também o

leitor masculino se acerca dessa rubrica jornalística que oferece uma literatura leve, ligeira, bem-disposta. Não há, pois, um público homogêneo. Quem ocupa o espaço folhetinesco tem a consciência dessa diversidade e tem de encontrar caminhos para a abordar. Note-se, de passagem, que quando se fala dos “homens sisudos”, leitores do folhetim, o Barão de Alfenim procede a um afunilamento da variedade de oferta que o folhetim apresenta, parecendo ser a crónica, e não o romance, o objeto procurado pela franja masculina do público.

Inscrevendo-se numa literatura de atualidade, a forma breve que é a crónica procura lançar mão de estratégias discursivas que despertem o interesse do leitor, desde o primeiro momento. Facto de linguagem feito a pensar em putativos leitores, a crónica inscreve-se numa lógica da oferta e da procura, sendo lícito afirmar, de modo breve e simples, que o leitor é a grande preocupação do cronista e, portanto, também do cronista Camilo Castelo Branco.³ Assim, a reflexão metatextual sobre a inscrição e caracterização genológica da crónica, a oscilação tantas vezes encontrada entre um posicionamento testemunhal – e até documental – e um exercício de construção ficcional, a escolha do assunto ou dos assuntos, a diversidade temática, a interpelação explícita ou subliminar do leitorado, são alguns dos modos diferentes e variáveis adotados na tarefa de cativação do destinatário.

Modo ainda de conquista do leitorado, e satisfação de uma necessidade de entretenimento, é a opção que por vezes se regista de encetar processos de efabulação, abrindo espaço na crónica para um universo de natureza ficcional, construindo personagens que podem mover-se entre a realidade e a ficção. Atente-se nas metamorfoses que a entidade autoral sofre com a criação do Saragoçano, de Fouché, Anastácio das Lombrigas, José Mendes Enxúndia ou D. Rosária dos Cogumelos, com consequências, por exemplo, a nível lexical ou sintático, mas também no que respeita à eleição de questões a tratar ou no tom adotado. A prática de assinatura autoral que Camilo explora, de algum modo ilustra reflexões partilhadas por Michel Foucault, em “O que é um autor”, quando afirma: “um nome de um autor não é simplesmente um elemento de um discurso (...); ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos.” (2012: 44-45)

Como é observado em diferentes momentos da obra coletiva *La pseudonymie dans la littérature française. De François Rabelais a Éric Chevillard* (2017), as estratégias de pseudonímia adotadas por um autor para trabalhar a figura autoral não se limitam de todo a questões de ocultação da identidade, por razões de natureza social ou familiar, mas também podem apontar para gestos criativos voluntários enformadores de uma poética da escrita, com consequências ainda no plano da receção, pois visa-se um conjunto de efeitos de leitura.⁴ Nesse sentido, o jogo pode passar pela eleição de atributos diferenciais, mas também por toda uma cenografia que, por vezes, assenta no estereótipo ou em representações sociais vigentes.

Se em Camilo a pseudonímia é rica – e disso dá conta a respetiva entrada do *Dicionário de Camilo Castelo Branco* (Cabral 1989: 528-529) –, verificamos que o autor não reduz esse exercício à ocultação do seu verdadeiro nome, como sucede com a adoção de O cronista⁵ ou de Fouché,⁶ Saragoçano ou Felizardo.⁷ Com efeito, o processo de pseudonímia não se limita à invenção de um nome, mas também acolhe a construção de uma personagem: traços caracterológicos, existência de uma família, entre outros aspetos. Lembra-se, como exemplo, Anastácio das Lombrigas que tem esposa, filha e cunhada, respetivamente, Antónia das Lombrigas, Efigénia das Lombrigas e Teresa das Lombrigas. É o caso também de José Mendes Enxúndia: neto de Manuel Mendes Enxúndia,⁸ tio de D. Atanásia Mendes Enxúndia⁹ e marido de D. Rosária dos Cogumelos.¹⁰ Mais ainda, neste caso, sabemos onde vive e o que faz, ou melhor, não faz:

Meu Padre – diz ele numa carta dirigida ao Padre Serapião de Algures – permita-me que eu seja um dos seus admiradores, já que tenho sido o primeiro dos seus admiradores. Eu sei que me não conhece. O mais que pode é ter alguma notícia da minha família, pelo apelido notório com que honro.

Eu sou neto de Manuel Mendes Enxúndia.

Vivo em Lisboa, sem ofício nem benefício. (Camilo 1990: 593)

Em 1855, no jornal portuense *O Porto e a Carta*, onde Camilo era redator principal, Camilo sob as vestes de José Mendes Enxúndia empreende, então, uma atividade epistolar dirigida ao Padre Serapião de Algures, pseudónimo de Rodrigo de Freitas Beça¹¹ de quem foi amigo. Nas suas cartas, José Mendes Enxúndia que de si diz, “É preciso que eu tenha a bondade de dizer-lhe que sou literato (...)” (*idem*: 593), debruça-se sobre assuntos e figuras muito diversos tais como a fusão ibérica, políticos e homens de letras da época (e respetiva produção literária), o sexo feminino, nas suas declinações (a mulher de Lisboa, a mulher do Porto, a mulher romântica, a mulher ilustrada, a mulher escritora...), por quem nutre um interesse muito especial, causador, a dado passo, de ciúme em D. Rosária dos Cogumelos. Sobre D. Rosária, dirá: “Minha mulher é romântica, e detesta cordialmente todas as Eusébias que vivem de cerzir fundilhos e remendar peúgas aos maridos. Lê regularmente as publicações dos nossos mancebos ilustrados, e simpatiza diabolicamente com Júlio César Machado.” (*idem*: 594) E cartas adiante, acrescenta “tem nome de cozinheira” (*idem*: 613), precisando o retrato de D. Rosária que apoda de “saloia romântica” (*idem*: 598).

É, pois, esta figura feminina camiliana que elegemos como objeto de maior atenção pela condição multímoda que apresenta. D. Rosária dos Cogumelos é uma figura pseudo-autoral que começa a ter existência pela pena masculina e é apresentada ao público leitor pela sua situação familiar, pela sua relação de parentesco. Só vários folhetins depois, ela surgirá a assinar cartas dirigidas ao

marido, José Mendes Enxúndia.¹² D. Rosária dos Cogumelos é esposa de, muito embora não use o patronímico do marido.

Contudo, esta figura feminina não se limita a uma esfera doméstica e privada; ela salta para a ribalta do jornal, não correspondendo ao estereótipo de anjo do lar, figura discreta, provedora de cuidados domésticos para os filhos e marido. Produzindo opinião, defendendo uma visão emancipadora da mulher, assumindo um papel transgressivo face ao que é esperado da mulher à época e surgindo como mulher de letras, D. Rosária não consegue, porém, ser levada completamente a sério pelo leitor. O patronímico “dos Cogumelos” é bem sintomático e anunciador do tratamento humorístico desta figura pseudo-autoral que assinará uma produção escrita.

Para além deste indício, a leitura destas cartas de Camilo Castelo Branco, numa acumulação de notas e comentários caracterizadores da figura feminina D. Rosária dos Cogumelos, gera perplexidade na sua quase simultaneidade de apresentação de uma dimensão prosaicamente corpórea e uma dimensão intelectual que a afastaria de um quotidiano banal. Lembremos ainda algumas passagens de José Mendes Enxúndia:

Os salpicões, se me pergunta o fim especial para que os quero, dir-lhe-ei com a sinceridade habitual, que os quero comer com minha mulher e meus filhos, que comem todos regularmente, não obstante sua mãe ser poetisa e viver muito relacionada com a *Pusich*, que faz versos a toda a gente conhecida, e a outras muitas pessoas. (*idem*: 597)

Come-se muito, padre Serapião! As próprias mulheres, que são uns anjos, comem e digerem com elegância e apetite.

Minha própria mulher, que contempla o céu e faz exclamações à providência da formiga, e aspira o perfume da açucena como sua mãe aspirava simonte, essa mesma, nas horas vagas, faz prodigiosas evoluções com os queixos respectivos, e, a despeito da poesia, aloja nas cavidades a matéria-prima da vitalidade, como ela chama à carne cozida. (*idem*: 601)

Esta inscrição de notas prosaicas, acompanhadas de uma mais ou menos velada abordagem satírica, emerge ainda noutros momentos como quando se aborda a questão da emancipação das mulheres e da mudança dos seus tradicionais papéis e funções, numa questionável e aparente convicção favorável a um novo estado de coisas:

Não é porque a minha Rosária fala de Kant e Descartes que eu escrevo a apologia das mulheres instruídas; é porque se muitas vezes quero vestir umas ceroulas e as encontro sem botões, minha mulher tem a habilidade de me serenar as fúrias, dissertando em estilo de sibila sobre a emancipação do sexo feminino. [...]

Diz que a posição da mulher numa sociedade bem morigerada, deve ser igual à do homem. Rebate com argumentação nervosa os indecentes encargos que lhe impomos de velar pelo calcanhar da peúga, e acaba por me atirar à cara com as bases dum novo sistema social, em que a cidadoa é considerada homem moral e mulher física. Estas distinções são razoáveis. A mulher física fica sujeita às decomposições químicas, e vmc. bem sabe que eu concedo tudo a minha esposa contanto que ela se não dispense de ser um pouco mulher e um pouco química, porque a minha paixão são as moléculas constituintes e integrantes. (*idem*: 616)

D. Rosária dos Cogumelos, bem antes da publicação dos seus textos em *O Porto e a Carta*, já é elemento onnipresente nas cartas de seu marido: como personagem, como assunto das suas missivas, como emissora de opiniões em que José Mendes Enxúndia se estriba para desenvolver uma ação crítica sobre os seus contemporâneos e a sua época. Na produção epistolar de José Mendes Enxúndia, funciona como a suposta autoridade em que se funda a sua tomada de opinião: José Mendes Enxúndia escuda-se por detrás do que a ouve afirmar e pode, desta forma, desenvolver uma crítica política, social, literária e artística mordaz mais livre.

Ilustre-se, através de um exemplo, o valor angular desta figura feminina na construção das cartas de José Mendes Enxúndia. Numa mesma crónica, começa-se com o anúncio do nascimento do filho, aborda-se o pedido de proibição da leitura de romances advogada por alguns, critica-se alguma produção literária já não tanto ao gosto dos contemporâneos e ainda se comenta comportamentos de sociabilidade por parte do rei. Nos diferentes casos, D. Rosária dos Cogumelos é parte integrante, acabando por ser elemento estruturante na composição da crónica, sendo a sua opinião sempre registada. Eis algumas passagens: “(...) D. Rosária dos Cogumelos acaba de aumentar a estatística com um pequeno cidadão, ao qual a opinião pública, de acordo comigo e com a de minha mulher, chama meu filho.” (*idem*: 643) Ou ainda:

[Um deputado da nação diz] que a única novela admissível é o *Clarimundo*, de João de Barros, e o *Palmeirim de Inglaterra*. Não tenho leitura destas obras: mas ouvi dizer a minha mulher que eram pesadas e enjoativas como os discursos do Ferrão, as prelecções linguísticas do Castilho sobre a pronúncia do *b*. Eu respeito a opinião da minha mulher nesta especialidade, e na música, em que ela tem dito asneiras com um cunho de verdade [...] (*idem*: 644-645)

E, por fim:

Estive ontem em S. Carlos, onde vi El-Rei Regente.

Dir-lhe-ei que não gostei de vê-lo sair do seu camarote, visitando o dos camaristas e ajudantes.

A popularidade é uma bela cousa; mas monarquia e popularidade não se casam. O rei termina onde começa o povo. São ideias de minha mulher, porque eu em direito público sou um proletário do senso comum. (*idem*: 646)

Aparentemente, a opinião de D. Rosária dos Cogumelos é alimento para a prosa do marido, José Mendes Enxúndia, ao longo de cerca dezena e meia de cartas, mas o que sucede quando se trata de a apresentar como literata? Em carta de 23 de janeiro de 1855, pode ler-se:

Minha mulher está compondo um poema que começa pelo princípio. É duma originalidade verdadeiramente satânica. O seu fim é cantar a emancipação das mulheres, sujeitando-as à tutela da toleima, que é a pior de todas. Tem um canto sublime: é uma virulenta apóstrofe aos fundilhos das minhas cuecas! (*idem*: 626)

Se a ironia, neste excerto, torna questionável o valor literário da produção de D. Rosária, em carta em que se anuncia o envio próximo dos escritos de D. Rosária intitulados “Tipos Nacionais de Aveiro”, eis o que se afirma nessa missiva publicada quase um mês depois:

D. Rosária dos Cogumelos está escrevendo algumas páginas ligeiras que vou remeter-lhe num dos próximos correios. Posto que suspeito na avaliação dos escritos de minha mulher, dir-lhe-ei com a independência matrimonial que me distingue entre todos os maridos, que a produção de minha mulher é um importante esboço das feições literárias dum homem que, na redação do *Porto e a Carta*, denominaram *Girardin Saveiro*. (*idem*: 659)

Nesses textos saídos entre fevereiro e março, também em *O Porto e a Carta*, agora sob o título “Estudos do Coração e do Fígado. Tipos nacionais de Aveiro”, o leitor vai confrontar-se com um exercício do que hoje chamaríamos de *close reading*, feito com toda a mestria da veia satírica e mordaz de Camilo, um exercício feito com louco entusiasmo.¹³

Numa dissecação dos textos de José Luciano de Castro, que apoda de “pato da Torreira” (*idem*: 674), vindos à luz no *Boletim da Torreira*, diferentes passagens do texto de Luciano de Castro são escarpelizadas, pela pena cáustica de D. Rosária dos Cogumelos, só ingénua e simplista na aparência:

José Luciano, com o orvalho no estômago, olhou para o seu passado *como o homem que se assenta melancolicamente sobre o abismo do seu coração, ensopando as lágrimas as ruínas amargas da vida*.

Coitado do homem! Assentou-se no abismo do seu coração como quem se assenta numa cadeira de palhinha rota!

Quando um homem chega a fazer do coração tripeça, o negócio não está bom!

Algumas linhas adiante, escreverá: “Ruínas amargosas ensopadas em molho de lágrimas, se levarem um dente de alho, devem ser um prato de apetite, uma espécie de pitêu de perua. Eu não comi ainda disto, mas recomendei hoje ao meu criado que me comprasse um vintém de ruínas, que mas ensopasse.” (*idem*: 663)

D. Rosária dos Cogumelos é então a figura que permite a Camilo criticar a sua época, nomeadamente no que toca a possibilidade de questionar os exageros de uma toada romântica então em moda. Do mesmo modo, caberá também a D. Rosária acolher nos seus textos toda uma visão dos seus contemporâneos sobre a mulher escritora, vista com suspeição e ceticismo e, muito em especial, sobre a figura da *bas-bleu*. Será nas suas páginas que um conjunto de máximas – recomendações? – em torno da mulher que pretende integrar ou integra a república das letras surge, permitindo identificar representações do feminino que revelam a dimensão transgressora ou não das normas sociais. Lembra D. Rosária que não quer ser chamada de *preciosa ridícula* (*idem*: 673):

[...] em mulher o pedantismo literário é insofrível.

Eu li, há pouco, não sei em que livro, as seguintes máximas, que transformaram completamente as minhas ardentes ambições de escritora crítica:

‘É [a bas-bleu] uma espécie de hermafrodita que só tem da mulher os defeitos do homem a embófia da vaidade literária, os *ridículos* e, algumas vezes, os maus costumes.

‘A mulher que tem um grande e verdadeiro talento, perde o nome de *bas-bleu* para adotar o de *autora e escritora*. Estas são raríssimas.

‘Nestas não existe o hermafroditismo; mas a metamorfose, sim. Eram mulheres; mas o espírito e o talento fizeram-nas homens. [...]

‘Ainda assim, é mais honroso para uma mulher representar na sociedade o papel de boa mãe de família, que o de autora. (*idem*: 672-673)

Para além destes “Estudos do Coração e do Fígado”, D. Rosária dos Cogumelos, esposa de José Mendes Enxúndia, assina ainda duas epístolas dirigidas ao Padre Serapião de Algures e três epístolas dirigidas ao marido. A mulher, a esposa vai nesses textos tomando progressivamente maior lugar, até pela prolongada estadia no Porto de seu marido. Curiosamente, José Mendes Enxúndia, nesta etapa final da sua existência pseudonímica parece já não valorizar D. Rosária, nem como mulher, nem como mulher ilustrada, e sobre ela escreve:

Ai! O que faz o tempo!... Aquele anjo caíram-lhe as asas, e nasceram-lhe barbatanas!... Apesar da sua ilustração, acho-a trivial; se me acomodo com ela em boa paz, é porque há muitas outras coisas que me entretêm, sendo a principal de todas o divertido trabalho de investigar a literatura portuense. (*idem*: 721)

Mudanças foram tendo lugar nesta relação e mudanças têm lugar na própria escrita que se torna em José Mendes Enxúndia mais analítica, menos facilmente excessiva no uso da sátira.

Como levar, pois, a sério uma figura cuja imaginação é comparada à de José Luciano de Castro, mordazmente criticado na produção literária, num dos textos atribuídos a D. Rosária dos Cogumelos, e no qual é chamado de “cisne derrabado da Torreira” (*idem*: 675)? Com efeito, numa das cartas de Enxúndia, testemunha ele:

Eu tenho muita honra em ter esposado intelectualmente o espírito de Rosária dos Cogumelos. Sinto que ela viesse um século antes a esta sociedade, que não tem moldes onde se funda a fervente imaginação de minha mulher, que é da força de quatro cisnes derrabados da Torreira. Um século depois, esta matrona, não compreendida pela geração actual, exerceria cargos literários de suma importância.

Seria bibliotecária, seria professora de línguas mortas, ensinaria o caldeu e o sânscrito, seria reitora da Universidade, ou mestra de retórica no Liceu de Vila Nova de Famalicão.

Em 1855, minha mulher existe como se não existisse. (*idem*: 684)

Para o leitor destes textos folhetinescos, torna-se progressivamente evidente o olhar crítico e cético de José Mendes Enxúndia face à mulher escritora, facto sublinhado ainda pela transcrição numa dessas cartas de uma missiva anónima que, sem pudor, partilha com o leitor. Nela, D. Rosária dos Cogumelos é maltratada sem contemplações:

Para que nos quer impingir como literata sua mulher, que nunca na vida abriu um livro que não o tivesse de pernas para o ar! Eu conheci-a muito bem, com um estanco de tabaco na Rua Nova da Palma, e não tinha mau olho; de resto as orelhas eram enormes, e os dentes pareciam o teclado dum manicórdio velho. (*idem*: 636)

Se em 1849, numa “Revista do Porto” publicada no *Nacional*, Camilo já observava que a liberdade de imprensa e o jornalismo tinham aberto um vasto campo de indagações sobre a mulher¹⁴ e afirmava que “nunca se viu tanto verso e tanta prosa consagrados à mulher! Nunca se falou tanto dessa metade do género humano!” (*idem*: 197), anos mais tarde o mesmo Camilo acrescenta mais um contributo para essa visibilidade do feminino, através de um prisma masculino com esta sua família pseudo-autoral, ao criar uma entidade que convoca representações do feminino de sinal contrário, fruto de um século que assiste a uma progressiva emergência de figuras de mulheres autoras, transgressoras do seu papel social que caberia dentro da esfera privada.

Escrevia José Manuel Mendes Enxúndia que o século vinte e quatro falaria com respeito e admiração das cartas enviadas ao Padre Serapião de Algures e das

páginas íntimas de sua mulher, D. Rosária dos Cogumelos (*idem*: 643). Três séculos antes desta profecia eventualmente se cumprir, foi com admiração respeitosa que procurámos, no século XXI, pôr em destaque esta produção pseudonímica de Camilo Castelo Branco que merecerá certamente a que a ela voltemos com mais detalhe, privilegiando nós também, como D. Rosária, isto é, Camilo, uma análise literária e textual assente no *close reading*.

Notas

* Maria de Fátima Outeirinho é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona nas áreas dos Estudos Franceses, da Didática de Línguas e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento. Entre 2019 e 2021, coordenou o grupo Inter/transculturalidades no quadro do projeto *Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão* do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. É, desde 2022, coordenadora científica desta unidade de investigação. As suas áreas de investigação incidem, de modo particular, sobre Literatura Comparada, Literatura de Viagens, Literatura e Cultura Francesas, Relações Culturais Luso-francesas, Estudos sobre as Mulheres e Didática de Línguas, tendo diversos estudos publicados em Portugal e no estrangeiro.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/00500/2025 | DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/00500/2025>).

² Ao longo deste estudo, atualizaremos a ortografia oitocentista.

³ No seu estudo, *Narrador, Tempo e Leitor na Novela Camiliana*, (Vila Nova de Famalicão, Centro de Estudos Camilianos, 1995: 99), Aníbal Pinto de Castro observa igualmente: “O ‘leitor’ está permanentemente no espírito do escritor (como no dos seus narradores) e a sua presença ganha tais foros de realidade que muitas vezes se corporiza junto dele, enquanto escreve ou enquanto narra, a cada momento lembrada e significada”.

⁴ Christine Planté recorda que o século XIX, e em especial a época romântica, gosta da prática do pseudónimo a servir motivações muito diversas (Planté 1999: 105).

⁵ *O Eco Popular* 25-1-1849.

⁶ Em *O Eco Popular*.

⁷ Em *A Revolução de Setembro*.

- ⁸ Observe-se que Manoel Mendes é também o título de uma comédia de António Xavier Ferreira de Azevedo. O tom está então dado para os textos que serão assinados por José Mendes Enxúndia.
- ⁹ D. Atanásia é lembrada na carta publicada a 5 de janeiro de 1855 (Camilo 1990: 599).
- ¹⁰ A carta de 17 de janeiro de 1855 é quase toda ela sobre a sua família (*idem*: 614-617)
- ¹¹ Sobre esta figura oitocentista, consulte-se Adelaide Galhardo (2016).
- ¹² Veja-se o conjunto de missivas intituladas “Carta de D. Rosária dos Cogumelos a seu marido José Mendes Enxúndia” em que a ele se dirige como “Josezinho” (Camilo 1990).
- ¹³ “Enlouqueço de prazer, quando o estilo me transporta a mundos desconhecidos, vou, alheada de mim, esquecida das obrigações de mãe, e até das ceroulas do meu marido, deixando muitas vezes cair as malhas do calcanhar duma peúga, atrás do estro esfogueteado de alguns moços, que perfuram o incógnito nas altas regiões com a verruma da fantasia.” (*idem*: 661)
- ¹⁴ Sobre esta questão, consulte-se Outeirinho (2003, 2013).

Bibliografia

- Barão de Alfenim (1848), “Crónica”. *A Época*, nº26: 411.
- Branco, Camilo Castelo (1990), *Crónicas, Obras Completas de Camilo Castelo Branco*. vol. XII, Porto, Lello & Irmão Editores.
- Cabral, Alexandre (1989), *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa, Editorial Caminho.
- Castro, Aníbal Pinto de (1995), *Narrador, Tempo e Leitor na Novela Camiliana*. Vila Nova de Famalicão, Centro de Estudos Camilianos.
- Foucault, Michel (2012), *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais & Eduardo Cordeiro, Lisboa, Nova Veja, col. Passagens.
- Lentina, Alda Maria (2014), “Destinos do feminino na obra de Camilo Castelo Branco”. In: Sousa, Sérgio Guimarães de (org.), *Representações do feminino em Camilo Castelo Branco*. Vila Nova de Famalicão, Casa de Camilo - Centro de Estudos, col. Estudos camilianos, 9: 17-37.
- Martens, David (dir.) (2017), *La pseudonymie dans la littérature française. De François Rabelais à Éric Chevillard*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, coll. La Licorne.
- Outeirinho, Maria de Fátima (2003), *O Folhetim em Portugal: uma nova janela no mundo das letras*, Porto, FLUP, tese de doutoramento, <https://repositorio-aberto.nup.pt/handle/10216/125306>.

- (2013), “Da crónica-folhetim no Oitocentismo português : algumas (in)visibilidades”. In: Silva, Jorge Bastos da, Castanheira, Maria Zulmira (eds.), *Entre Classicismo e Romantismo : Ensaios de Cultura e Literatura*, Porto, FLUP-CETAPS: 159-171.
- Planté, Christine (1999), “Qu’est-ce qu’un nom d’auteur?”. *Revue des sciences sociales de la France de l’Est*, n°26: 103-110. DOI : <https://doi.org/10.3406/revss.1999.3190>, www.persee.fr/doc/revss_0336-1578_1999_num_26_1_3190
- Rodrigues, Ernesto (2003), “Introdução”. *Crónica jornalística. Século XIX*, Braga, Círculo de Leitores.
- Rodrigues, Sónia Valente (2005), “A escrita fragmentária da «Revista dos Dois Mundos», de Camilo Castelo Branco: da crónica à polémica, *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XXII: 527-547.
- Santos, Maria Adelaide Galhardo Brandão Rodrigues dos (2016), “O papel da literatura para a cultura penafidelse dos séculos XIX a XXI”, *I Seminário: Penafiel e Penafidelses na História - Atas*. Penafiel, Amigos do Arquivo de Penafiel: 1-10.